

Dissidentes e imoderados

Modéstia à parte, aqui, neste jornal, que hoje completa dez anos, temos apostado, constantemente, no valor da dúvida e na urgência da dissidência, acreditando que, "neste mundo global e totalitário, os jornalistas, e outros intelectuais, ainda podem jogar o papel do contra-poder, dar voz aos sem voz, reconfortar os que vivem na aflição e inquietar os que vivem no conforto". Como decretava o poeta Nanni Balestrini, a poesia faz mal mas por sorte nossa não haverá nunca ninguém disposto a acreditar nisso.

Embora reconhecendo, como muitos outros jornalistas mobilizados neste teatro de guerra ideológico, que os meios de comunicação social de massas, tal como os governos, estão a transformar-se em brigadas de aclamação e apoio dos mercados financeiros (onde a ortodoxia liberal tende a tornar-se totalitária) temos resistido na exacta medida em que reconhecemos como válido muito do que tem sido tido como marginal.

Há dez anos (como sabe bem reler um jornal antigo, reavaliando a importância do que então foi seleccionado), na hora da apresentação, prometíamos uma arquitectura gráfica inovadora e uma informação sem muros no trabalho multidisciplinar de uma equipa de professores, jornalistas, informáticos e profissionais da comunicação visual. Poucos, além de nós, acreditariam que "a Página" iria afirmar-se como um jornal de referência na área da Educação e da Cultura.

Nesse primeiro número, Artur Queiroz inaugurava o canto das crónicas de "a Página" com paixão, zurzindo nos intelectuais de pacotilha que são capazes de dizer, sem corar, que Catulo é um poeta menor. Como se este nome sagrado da Paixão Cearense não passasse "de um rapazinho desajeitado, pegando na pena com a mão esquerda, no primeiro dia em que entrou na escola".

Nós, sim, estávamos a começar e pegávamos na pena com a mão esquerda. Abríamos páginas com memórias a sério - é comovente reler a conversa com Felisberto Lemos, um livreiro a quem Manuel Alegre chamou da Esperança - e dávamos páginas inteiras à poesia. O primeiro poema foi o "Aviso à Navegação" de Joaquim Namorado: "Alto lá! // Aviso à navegação! // Eu não morri: // Estou aqui // na ilha sem nome, sem latitude nem longitude, // perdida nos mapas, // perdida no mar Tenebroso (...)"

Imoderadamente fomos ensaiando soluções incabadas de jornalismo, na forma e no conteúdo, que outros, não raras vezes, aproveitaram e reciclaram. Ao longo de dez anos - a falar de namoros, de músicas, dos anos 60, de informação alternativa, da questão do género, de deontologia, de... - fomos erguendo este património que não é só nosso mas também, e em especial, dos leitores.

Dez anos a entrevistar gente, como Armando Castro, o nosso primeiro entrevistado, ou Orlando de Carvalho, de quem também publicamos um longo poema, retirado do livro "Sobre a Noite e a Vida", onde o poeta fala de como a "Grândola Vila Morena" também foi cantada por patifes.

Dez anos em que andamos, como alguém aqui escreveu, "a tocar e a ser tocados por qualquer coisa que é, seguramente, feminina e fértil, como se o Mundo todo coubesse numa praça, como qualquer Praça da República, da coisa nossa e pública, como o mar nosso".

Dez anos, aprendendo, com Gabriel Garcia Marques, o engano de pensar que deixaremos de ter paixões com o passar do tempo, quando, na verdade, só envelhece quem deixa de apaixonar-se, máxima que também se aplica aos jornais.

Cumprindo ciclos, preparamo-nos hoje para um novo salto. Por uma coincidência que auguramos de feliz, o tema do mês (o dos primeiros ciclos) é, neste número de aniversário, o mesmo do primeiro jornal, de Dezembro de 1991. Será, acreditamos, o sinal para uma nova década de homenagem ao valor da dúvida e à necessidade da dissidência.

Uma década que terá de ser vivida com a cumplicidade dos nossos leitores, os leitores de "a Página" que merecem o mesmo louvor que Balestrini dedicou ao público da poesia.

"(...) Cá estamos nós outra vez // sentados em frente do público da poesia // sentado em frente de nós ameaçador // fitando-nos e esperando a poesia". // (...) Na verdade o público da poesia não é ameaçador // se calhar nem está todo sentado // se calhar algum está também de pé // porque aconteceu entusiástico e numeroso// // Ou talvez haja umas tantas cadeiras vazias // mas os que vieram são os melhores // fizeram este grande esforço só mesmo por nós // porque é que haviam de ameaçar-nos // // O público da poesia não ameaça rigorosamente ninguém // pelo contrário é atencioso generoso atento // prudente interessado devotado // ávido mirífico um pouco inibido//.

"(...) O público da poesia é infindo variado não se pode circunscrever // como as ondas do mar profundo // o público da poesia é bonito altaneiro insaciável temerário // olha de frente impávido e intransigente // // vê-me aqui a ler-lhe esta treta // e acha que é poesia // porque este é o nosso pacto secreto // e a coisa é do agrado de ambos".

Entre nós, o audiovisual explodiu sem que a cultura tradicional do livro estivesse disseminada e nesta situação seria desejável desenvolver a Imprensa escrita. Não uma imprensa puramente informativa, temperada com um ou outro comentário apressado, mas uma outra diferente, mais completa, dissidente mesmo que aparentemente marginal.

"Incontornável é a luz de New York", disse nestas páginas o Augusto Baptista, um homem da imagem, a ensinar-nos a viajar pela leitura. "Cavaqueio sobre a vida com os negros do Harlém, grudados às paredes, em becos sebados de lixo, bourbon e droga. Ao longe, inquietos, acordes de gaita de beijos a marcar o ritmo de sussurrantes

dolências. Blues arrastados, com letras pretas. Deprimentes. Levanto voo, parto para outra. E, em plongé, aproveito a luz de fim de tarde para fotografar a Estátua da Liberdade: Good by, lady!"
Temos tentado e queremos continuar a tentar ser tudo isto e muito mais. Sendo dissidentes e imoderados.

O colectivo de "a Página"